

Os bichos voltam ao Lago

Jacarés, capivaras, tartarugas e até ariranhas habitam as margens do Paranoá

Vânia Rodrigues

Jacarés, capivaras, tartarugas e até ariranhas, além de aves de diferentes espécies começam a compor com maior freqüência a paisagem à beira do Lago Paranoá, que está longe de ser considerado um santuário ecológico. O crescimento visível da fauna é atribuído, principalmente, à proibição da pesca profissional e também ao processo de despoluição do lago, iniciado ano passado. Com um pouco de sorte, hoje já é possível surpreender um bando de capivaras bebendo água próximo a uma das QLs do Lago Sul ou até mesmo um casal de ariranhas visitando os ancoradouros dos clubes quando estão desertos.

"É o equilíbrio biológico que está sendo restabelecido", festeja o coordenador da Patrulha Ecológica, Luiz Eduardo Alves de Carvalho. Segundo ele, os peixes, que aumentaram em quantidades nos últimos meses, estão atraindo os animais dos principais afluentes do Paranoá. "Quando eles não se sentem ameaçados pelo homem, acabam estabelecendo o seu novo habitat nas margens do lago", explicou. Segundo Carvalho, cresceu também o número de aves como garças, biguá, socó, marrecos, martim-pescador e gavião-pescador, que hoje habitam o Paranoá.

Equilíbrio

Carvalho acredita que ainda é cedo afirmar que o Paranoá está despoluido. "Por enquanto é mais seguro dizer que o equilíbrio é o resultado positivo das campanhas educativas desenvolvidas pelos ambientalistas, pela Secretaria do

Meio Ambiente (Sematec) e pela Polícia Florestal". Ele acredita também que houve redução do lançamento de material poluente no lago.

O diretor da Caesb, Marcos de Almeida Costa, concorda que ainda é prematuro garantir que houve a despoluição do lago. "Não tenho dúvidas de que a qualidade da água já melhorou, mas o processo é lento, principalmente porque as características do Paranoá são únicas no mundo", justificou.

Segundo Marcos de Almeida, várias medidas de despoluição estão em plena execução. A principal delas é a entrada em funcionamento das Estações de Tratamento de Esgoto (ETE). "Mas ainda temos muito a fazer", observou. O gerente de qualidade ambiental da Sematec, Sérgio Jatobá, é mais otimista. "Os animais só estabelecem o seu habitat onde a água é despoluída. Se eles estão vindo para cá, é sinal de que o sistema ecológico do lago está funcionando", raciocinou.

O crescimento da fauna do lago, segundo Carvalho e Jatobá, não traz qualquer risco para a população do DF. Eles explicam que o animal nunca vai ao encontro do homem para atacá-lo. "Ao contrário, ele foge tão logo percebe a presença humana", afirmam.

Carvalho disse que a Patrulha Ecológica recebe muitos telefones de pessoas preocupadas com a presença dos bichos no lago. "Nós tranquilizamos estas pessoas e fazemos uma recomendação que vale para todos: nunca maltrate o animal. Além de ter direito à vida, ele é fundamental para o equilíbrio do lago".

Jacaré já não assusta guardas

Homens da Companhia de Polícia Florestal que diariamente percorrem o Lago já se acostumaram com os peixes saltando dentro da lancha, com o sobrevôo elegante das garças e até mesmo com a presença de jacarés e capivaras: "A primeira vez que vi um jacaré aqui, fiquei assustado, mas agora fico preocupado é quando ele não aparece para o rotineiro banho de sol", contou o sargento Jardim, responsável pela guarnição de patrulhamento diário do Lago.

Ele mesmo nunca viu as ariranhas. "Mas sei que elas existem, vários agentes já tiveram o prazer de vê-las. Tenho também um amigo que mora no Lago Norte que costuma receber a visita de um casal no seu ancoradouro". Sargento Jardim explicou que estes animais são muito tímidos e não atacam se não forem agredidos primeiro pelo homem. "Não há qualquer risco, quem encontra uma ariranha no lago não deve tentar matá-la. Basta ficar tranquilo que, tão logo o bicho perceba a presença humana, foge".

Segundo sargento Jardim, não é raro achar animais feridos dentro do lago. "Encontramos principalmente passários machucados por pedras", contou. Os bichos encontrados nesta situação são recolhidos pelos agentes e encaminhados ao Zoológico para que recebam o tratamento adequado.

Embora o Lago Paranoá seja patrolhado diariamente pela Companhia de Polícia Florestal, segundo o comandante-geral da corporação, major Ruy Sampaio, muitas pessoas ainda destróem a fauna local. "Eles atacam os pássaros, mas o principal problema é a pesca predatória que ocorre no local", lamentou. Major Sampaio disse que, mesmo proibidas, os pescadores usam, na calada da noite, redes e tarrafas para pescar. Ele garante que este tipo de infração está com os dias contados. "A partir deste mês vamos punir com multas pesadas todos aqueles que estão desobedecendo à lei", afirmou.

Major Sampaio explicou que em 1991 a Companhia fez um trabalho preventivo e educativo com os pescadores do lago. Neste período não foi aplicada nenhuma multa. "Só recolhemos todas as redes e tarrafas encontradas, apreendemos os peixes capturados por eles e orientamos os pescadores para não repetirem a infração". O major disse que nos 12 meses de patrulhamento foram apreendidas 350 tarrafas e 40 redes. Os peixes foram doados ao Zoológico e entidades filantrópicas.

O policiamento do lago é feito principalmente com a ajuda de uma lancha, mas os agentes utilizam também viaturas e até bicicletas para apoiar as ações da corporação. "Muitas vezes os pescadores fogem pelos matagais quando a lancha se aproxima, por isso é necessário o reforço", justificou. (V.R.)

Família vive da pesca com anzol

Apesar da proibição da pesca com anzol ou linha, permitida no Lago Paranoá, é mais do que um simples lazer. Várias famílias, inclusive do Entorno, estão sobrevivendo basicamente da venda dos peixes do lago. A dona-de-casa Vilma Dantas, por exemplo, acorda duas vezes por semana às 4h00, enfrenta uma hora de ônibus de Pedregal a Brasília, para às 6h00 estar na Ponte das Garças — que dá acesso ao Gilberto Salomão. "Quando estou com sorte, depois de uma hora pego 10 peixes", contou. Vilma disse que nunca volta para casa com menos de 40 carpas, o suficiente para alimentar a família e ainda lhe render Cr\$ 30 mil com a venda.

O aposentado José Félix da Silva também é frequentador assíduo da Ponte das Garças. "Com o dinheiro curto, troco a carne pelos peixes que consigo aqui", justificou Félix. Ele disse que quando consegue muitas carpas vende algumas para os seus vizinhos na Vila Areal. "O dinheiro que entra, mesmo pouco, já dá para comprar o arroz e o feijão", explicou. O desempregado Luís Carlos de Souza às vezes passa o dia todo no Lago Paranoá. "Não estou trabalhando mesmo, aqui me divirto enquanto garanto a carne de todos os dias", ressaltou Souza, mostrando os 12 peixes que ele iria levar, de ônibus, para sua casa, no Gama.

Concentração

Embora os pescadores estejam espalhados por toda a extensão do Lago Paranoá, a maioria deles, principalmente os que pescam para vender, prefere se instalar em pontos próximos à usina de tratamento de lixo do SLU, acampamento da Telebrasília e pontes do Bragueto e das Garças.

O que os pescadores desconhecem ou ignoram, segundo o major Ruy Sampaio, comandante da Companhia de Polícia Florestal, é que os peixes ficam aglomerados nestes pontos porque neles se concentram a maior quantidade de sujeira. "Os peixes ficam ali exatamente para comer os lixos", afirmou. O major acrescentou que os peixes apreendidos nestas áreas por terem sido pescados com rede ou tarrafas, são doados ao Zoológico. "Preferimos não arriscar, mandando estes peixes para as instituições de caridade", argumentou.

Quando são apreendidos em pontos limpos do lago, como no trecho próximo à Casa da Dinda, os peixes são encaminhados para asilos ou creches. "Estes nós temos certeza que não fará mal nenhum à saúde de quem os consome". O assessor de imprensa da Caesb, Marco Aurélio Serra, informou que nas pesquisas realizadas pelo laboratório do órgão nunca foi encontrada substâncias tóxicas no file dos peixes do lago. "O que significa que eles podem ser consumidos sem problema", complementou. (V.R.)



Tímidas, as capivaras não se habituaram à presença humana e habitam uma área conhecida apenas pela turma do jet-ski



As garças e outras espécies de aves são cada vez mais constantes na paisagem do Paranoá

Esportistas dão proteção total

Os esportistas que já se incorporaram à paisagem do lago convivem em perfeita harmonia com a fauna local. Eles respeitam os espaços dos animais e, por isso, nunca foram atacados ou prejudicados por eles. "Os bichos são menos perigosos que os homens", afirma um dos diretores de iatismo do Clube Cota Mil, Fernando Vasconcelos. "Um animal só ataca quando se sente ameaçado, caso contrário, foge", ensina.

Fernando Vasconcelos disse que já viu várias vezes jacaré tomando banho de sol perto da Praia dos Ministros. "É claro que isso não acontece todos os dias, mas acontece", afirmou. Ele já observou, de longe, por diversas vezes, um casal de ariranha no ancoradouro do Clube do Exército, quando está deserto. Porém, o mais comum é ver além dos peixes, as tartarugas e as garças.

A velejadora Elaine Machado está acostumada a dividir o lago com as tartarugas, peixes e pássaros. "Jacaré, ariranha ou capivara eu nunca vi, mas com certeza não terei medo se encontrá-los", afirmou. Ela nunca foi atrapalhada por animais. Mas várias vezes quase sofreu acidentes provocados por troncos de árvores soltos no lago.

Um grupo de pessoas que praticam jet-ski guarda a sete chaves a localização de um trecho do lago, considerado por eles um verdadeiro pantanal, onde é possível ver sem muito esforço bandos de capivaras e vários jacarés. "Não queremos que estes animais tenham as suas vidas ameaçadas", justificou o piloto Ricardo Vianna, que todos os dias visita o que ele chama de "pantanal do DF". Vianna lamenta que nem todas as pessoas estejam preparadas para apreciar e conviver pacificamente com a natureza. "Com certeza se o local for revelado vai ter gente querendo caçar estes bichos para comer ou então vai matá-los com medo", acrescentou.

Ricardo Vianna consentiu em mostrar ao JB o paraíso ecológico. Ver os animais não foi muito difícil: logo depois das primeiras curvas apareceu um bando de aproximadamente oito capivaras. Mas a fotografia delas deu muito trabalho. Os bichos são muito tímidos e fogem logo que percebem a presença do homem. Deu para ver, também, dois jacarés de aproximadamente um metro e meio de comprimento. O local pode não ser um pantanal, mas é muito bonito, cheio de vegetação onde as capivaras se escondem e também vivem vários pássaros, entre eles o gavião-mergulhador.

Ricardo Vianna disse que não se sente um egoísta querendo preservar este local só para a turma do jet-ski. "Só quero ter a certeza de que este paraíso não será destruído, porque ele é o canal para a entrada de outras espécies de animais da região para o lago", justificou. (V.R.)